

3

A ressurreição de Jesus, um enfoque a partir de Andrés Torres Queiruga

3.1.

Questões preliminares

Depois de uma abordagem preliminar acerca da cristologia na modernidade, especialmente sobre a pesquisa a respeito do Jesus histórico, podemos adentrar, finalmente, no tema que mais de perto nos interessa: a ressurreição de Jesus Cristo a partir do pensamento de A. T. Queiruga. O cerne da reflexão se encontra no livro, já citado, *Repensar a Ressurreição*.

Logo de início, no primeiro capítulo do livro, encontramos o emblemático texto paulino: “E se Cristo não ressuscitou, a nossa pregação é sem fundamento, e sem fundamento é também a vossa fé.” (1Cor 15, 14). Parece que a inquietação paulina quanto à ressurreição de Jesus subsiste também na consciência dos teólogos quando se defrontam com esse tema fundamental da fé e da tradição cristã. Tal versículo, por exemplo, introduz o prólogo da importantíssima obra de Xavier Léon-Dufour, *Ressurreição de Jesus e mensagem pascal*. Da mesma forma, o condicional paulino se fará presente em diversas obras clássicas da cristologia recente, quando seus respectivos autores adentram no tema da ressurreição.

Já se vão dois mil anos da presença histórica de Jesus e, desde então, homens e mulheres são convidados ou, palavra mais evocativa, interpelados a professar sua fé a partir do testemunho, nas palavras de X. Léon-Dufour, “de uns galileus” que proclamaram enfaticamente: Jesus ressuscitou! Essa certeza foi proclamada e também vivida numa radicalidade ímpar, chegando, em muitos momentos, à entrega da própria vida, fazendo surgir uma convicção de que Jesus vive ressuscitado pela força de Deus.

Esses testemunhos estão presentes nos textos bíblicos sob a forma de querigma, proclamado especialmente por Paulo (cf. 1Cor 15, 3-8), e recolhido no Atos dos Apóstolos, no discurso de Pedro, (cf. At 10, 40-43). Além dessas primeiras formulações querigmáticas, o tema da ressurreição é abordado a partir

de fórmulas narrativas que descrevem “fatos” e experiências com o Ressuscitado, especialmente as narrativas das aparições e o relato do sepulcro vazio.

Para Moingt a durabilidade do testemunho apostólico tem razões bem específicas e convincentes:

O vigor da pregação dos apóstolos, o volume da aprovação que ela obteve em muito pouco tempo, o poder de interpelação de uma fé confessada com risco de morte, logo a extensão e a unanimidade de uma tradição oral cuja divulgação não conteve nenhum desmentido, tudo isso servia de garantia ao testemunho dos apóstolos e a sua transmissão.⁷⁰

Todavia, o próprio Moingt constata, com uma reserva de surpresa, que a realidade da ressurreição de Jesus, a partir da “confiabilidade” no testemunho dos apóstolos e dos redatores dos evangelhos, não causou nenhum problema relevante ao longo da história da Igreja, desde suas origens, até a questão ser seriamente levantada pela onda da crítica histórica que atingiu a teologia a partir do século XIX.⁷¹

A exigência imposta pela modernidade, já vimos isso, é a validação do testemunho bíblico diante de uma crítica razoável e consistente, abrindo passagem para o campo das ciências, impondo novas necessidades, reivindicações e critérios para investigar o teor de verdade desses documentos e o valor dos testemunhos.⁷²

Em certo sentido, esse é o norte de Queiruga quando trata do tema da ressurreição de Jesus. Ele enxerga uma vivaz criatividade em Paulo quando este, no capítulo quinze da primeira carta aos Coríntios, busca abrir novos caminhos para uma inteligência da fé e uma fecundidade de vida. Mas, “quando se repassam as últimas discussões no campo da teologia, a impressão que dá é justamente o contrário: o que é secundário passa ao primeiro plano, e a repetição do passado parece extinguir toda criatividade diante do futuro.”⁷³ Essa fala, um tanto quanto ressentida, se situa na constatação de uma série de críticas bastante “simplistas”, ao se tratar de analisar as novas tentativas de abordagens atuais.⁷⁴

⁷⁰ J. MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 297.

⁷¹ *Ibid.*, p. 297.

⁷² No primeiro capítulo dessa dissertação pudemos tratar de maneira mais aprofundada toda essa problemática que ganhou corpo na teologia moderna, com especiais desdobramentos na cristologia.

⁷³ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 21.

⁷⁴ “E vem a ser triste constatar como essa atitude, que passa da discussão das ideias teológicas à acusação no terreno da fé, continue sendo produzida cada vez mais que aparece uma proposta nova.” A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 23.

Na verdade, tais equívocos, por vezes apaixonados, ocorrem pela dificuldade encontrada em estabelecer as devidas diferenças entre o que é a fé na ressurreição, a certeza de que Cristo ressuscitou, e a interpretação desse evento. Queiruga distingue aquilo que é a certeza fundamental de uma afirmação de fé, das possibilidades variantes de interpretar essa afirmação no curso da história. No seu entender, aqueles que ousam propor novas formas de interpretar os conteúdos da fé, às vezes, correm o risco de serem acusados de invalidar a fé em si.⁷⁵

No pensamento de Queiruga, permanece uma suspeita bastante válida: afinal, afirmar o valor histórico, no sentido moderno do termo, dos relatos evangélicos sobre a ressurreição mais ajudam ou atrapalham a compreender a ressurreição de Jesus? E evocar a materialidade da ressurreição do corpo de Jesus testemunha a favor ou contra o sentido mais profundo da ressurreição? Não é difícil constatar que na visão de Queiruga, e diga-se, de um tanto da atual reflexão cristológica, esses temas precisam ser postos sob nova base de compreensão.

Além disso, é preciso considerar que a cristologia atual se encontra numa situação distinta, bem mais aberta ao diálogo e à crítica. Nas palavras do próprio Queiruga, a cristologia está em processo de reconstrução, numa perspectiva nova:

Uma cristologia concreta e realista, que na compreensão do mistério de Cristo, não busca o extraordinário e milagroso, como se Jesus de Nazaré fosse tanto mais divino quanto menos humano pareça. Ao contrário, buscará a divindade em sua humanidade, isto é, no modo – certamente peculiar e específico – de realizá-lo dentro do realismo e das condições de nossa história.⁷⁶

O sentido da ressurreição não deve, sob pena de esvaziar seu significado, ser buscado no mundo do milagre, do portentoso e do fantástico. Tal afirmação não tem o intuito de cercear a onipotência divina, mas de evitar a tentação de apequenar sua ação e contradizer a coerência de sua presença.

A busca pelo sentido da ressurreição se tornou um ponto crucial para a cristologia recente, sobretudo, quando se pensa a partir da nossa mentalidade moderna e no seu engate com a nossa experiência real. “O que até então estava

⁷⁵ Essa é uma questão de cunho mais epistemológico e se apresenta no trabalho de Queiruga como uma autojustificação prévia. No fundo ele quer dizer que a sua interpretação da ressurreição de Jesus, caso pareça diametralmente distinta da interpretação tradicional, não pode ser encarada como uma recusa em crer na ressurreição propriamente dita. Obviamente, concordamos com a intenção de Queiruga e entendemos sua justificativa. Contudo, é preciso dizer que, do ponto de vista estritamente epistemológico, a fé e a interpretação do conteúdo da fé não são realidades absolutamente distintas, mas profundamente entrelaçadas. Parece que o conceito de “relação predicativa” vale para entender melhor essa questão: um predicado, para que seja verdadeiro, tem que fazer transparecer os elementos fundamentais do sujeito a que se refere.

⁷⁶ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 35.

carregado de vida – e o texto (bíblico) não deixa lugar para dúvidas – pode cair agora em mera abstração ou, ao menos, numa verdade mais proclamada na teoria que experimentada e vivenciada.”⁷⁷ Por isso, esse tema, que até recentemente ocupava muito pouco espaço nas cristologias clássicas, agora, constitui parte importante e, até mesmo, o ponto de partida de novos trabalhos na área da cristologia.⁷⁸

Outra característica bastante própria das cristologias mais recentes, estudiosas da ressurreição, é a necessidade de passar pelos textos bíblicos. Somente a partir deles, é possível, hoje, buscar o sentido mais original e propor novas interpretações sobre a ressurreição de Jesus. O enfoque bíblico e a crítica histórica se tornaram pontos de passagem para toda e qualquer reflexão dessa natureza. Já não é possível fugir, também, de um posicionamento interpretativo quanto à historicidade desses eventos referentes a Jesus. Por isso, mesmo em obras de caráter sistemático, como é o caso das cristologias de W. Kasper, W. Pannenberg, E. Schillebeeckx e do próprio Queiruga, a passagem pelos textos bíblicos é evidente.

Nossa leitura da ressurreição de Jesus, a partir de Queiruga, começa pela interpretação bíblica. É importante ressaltar, ainda que brevemente, como foi desenvolvida a noção de “vida após a morte” dentro do contexto do Antigo Testamento. Afinal, um tanto dessa visão foi herdada por aqueles que, primeiramente, manifestaram a ressurreição de Jesus. O passo seguinte será o de adentrar no esquema teológico das narrativas da ressurreição do Novo Testamento, principalmente nos textos sobre as aparições do Ressuscitado e nas narrativas do sepulcro vazio. Faz-se necessário verificar o sentido específico desses textos e o que eles pretenderam e pretendem comunicar. Eles ainda podem ser considerados provas históricas da ressurreição de Jesus? É nessa perspectiva que, conforme a linha de pesquisa de Queiruga, abordaremos a questão, sempre emblemática, do corpo do Ressuscitado.

⁷⁷ A. T. QUEIRUGA, *Repensar la cristología*, p. 157.

⁷⁸ É o caso da obra muito bem elaborada de J. Moingt, *O Homem que vinha de Deus*.

3.2.

A ressurreição no contexto do Antigo Testamento

Tomemos como ponto de partida as ideias comuns na crença da ressurreição de que os autores do Novo Testamento e o próprio Jesus participavam e que eram próprias do judaísmo. Ideias essas, diga-se, ainda não muito esclarecidas.

A sorte dos defuntos foi sempre, em Israel, um tema muito difícil e de muito lenta maturação. A ponto de que, somente no conhecido trecho do livro de Daniel – “A multidão dos que dormem no pó da terra acordará, uns para a vida, outros para a rejeição eterna.” – portanto, já muito próximo do tempo de Jesus, encontra-se o único texto absolutamente indiscutível da ressurreição no Antigo Testamento hebraico.⁷⁹

Ao estudar o desenvolvimento desse tema na tradição judaica é possível identificar duas principais linhas de influência. A primeira tradição vem desenvolvida dentro do pensamento semita, considerando o estímulo recebido das culturas religiosas que tiveram contato com Israel.⁸⁰ A outra influência vem do helenismo que se faz presente na literatura judaica desde 170 a. C. até 100 d. C.

Faz parte da evolução desse tema, dentro do pensamento semítico, a difícil e inquietante constatação do sofrimento do justo. Não obstante as influências de outras culturas, o problema da ressurreição só veio a ocupar espaço na teologia judaica quando esta se viu obrigada a enfrentar os questionamentos dessa natureza. É aquilo que Queiruga vai chamar de “experiência de contraste” entre o justo que sofre e a intolerável injustiça do seu fracasso terreno. “Como se anuncia com clareza já nos Cantos do Servo e formula-se de maneira impressionante como os mártires da luta macabeia (cf. 2Mc 7), somente a ideia de ressurreição podia conciliar o amor fiel do Senhor com o sofrimento incompreensível do justo.”⁸¹ E, nesse contexto, o que se vê é uma noção de retribuição, não só como uma recompensa, mas também como uma demonstração da justiça de Deus. “Essa visão fica compreensível pela convicção a respeito da retribuição divina aos justos, perseguidos por motivos religiosos (Sb 2, 12-20; 4, 28 até 5, 14).”⁸²

⁷⁹ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 57.

⁸⁰ M. Achard faz uma resenha sobre a influência cultural persa e cananea na formulação do pensamento sobre a ressurreição no judaísmo. Cf. Robert MARTIN-ACHARD, *Da morte à ressurreição segundo o Antigo Testamento*, Santo André: Editora cristã, 2005, p. 207-224.

⁸¹ A. T. QUEIRUGA, *op. cit.*, p. 226.

⁸² Cf. E. SCHILLEBEECKX, *Jesus: a história de um vivente*, p. 520. Pode-se ler esse assunto nas páginas 519-524.

Da influência grega, sinteticamente, podemos nos referir à diferença de concepção antropológica, que implica na formulação de um pensamento sobre a ressurreição. Conforme constata Léon-Dufour, “o corpo no judaísmo, não é uma parte integrante do homem; é o homem mesmo enquanto se exterioriza; o homem, com efeito, se manifesta através da alma, da carne, do espírito e do corpo. O homem é concebido como corpo animado e não como alma encarnada.”⁸³ Para Queiruga o resgate dessa noção antropológica será fundamental para desenvolver uma concepção mais realista e integrada da ressurreição.

Diametralmente diferente é a noção antropológica grega que também deixou sua marca na cultura judaica. A concepção de ser humano, na ótica grega, se dá no composto de alma e corpo. A alma é imortal e o corpo está provisoriamente à sua disposição. Na morte a alma se liberta do corpo. “Segundo essa antropologia a ressurreição consistiria em reanimar o corpo, já segundo o pitagorismo, um corpo novo graças à migração das almas, já segundo o cristianismo helenizado, o próprio corpo feito cadáver.”⁸⁴

Léon-Dufour, mesmo enxergando uma presença íntima do helenismo com o judaísmo, não concebe que tenha havido uma fusão de conceitos. O termo alma, por exemplo, possui um sentido bastante específico no helenismo e não foi assumido pelo judaísmo, mesmo quando este faz uso desse termo. “A palavra alma não designa, no judaísmo, uma substância espiritual ou imortal em oposição a um corpo que seria mortal e material.”⁸⁵ É possível falar em mescla de conceito, mas não em substituição de compreensões. A apropriação conceitual do universo helênico será feita mais tarde pelo cristianismo pós-neotestamentário, que assumirá para si as categorias gregas no seu desenvolvimento teológico. O impacto, como já é sabido, será grande e o tema da ressurreição e suas derivações para a formação da doutrina escatológica cristã serão mais desenvolvidos a partir da antropologia grega do que do pensamento bíblico.

O tema da ressurreição também é desenvolvido no Antigo Testamento através do uso de analogias. Estas são tomadas das experiências humanas bastante vivenciadas e conhecidas para falar de uma realidade não palpável. Trata-se da imagem do “despertar” e do “levantar-se”. De fato, os textos bíblicos usam com

⁸³ Xavier LÉON-DUFOUR, *Resurrección de Jesús y mensaje Pascual*, Salamanca: Sígueme, 1973, p. 57.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 60.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 61.

frequência esses termos. Em Is 26, 19, provavelmente o texto mais antigo da tradição judaica que alude a esse tema, fala-se comparativamente de “despertar” e “levantar-se”. Também Dn 12, 2 usa essa linguagem. “Então se fala alegoricamente de um acontecimento que está oculto para nós, para que seja respeitada sua autêntica natureza.”⁸⁶ O uso dessas alegorias demonstra que mesmo o judaísmo antigo sentia dificuldades de expressar com clareza todo o sentido de proclamar a ressurreição dentre os mortos.

Mesmo que sinteticamente, é bom sempre recordar esse tema também a partir do Antigo Testamento. Pois, como diz Queiruga, “os largos séculos sem crença no outro mundo nos ensinam que a autêntica fé na ressurreição não se alcança com uma rápida evasão ao mais além, senão que se forja na fidelidade da vida real e na autenticidade da relação com Deus.”⁸⁷ Em certo sentido, a noção de ressurreição no Antigo Testamento é evolutiva, da mesma forma que se evolui a própria compreensão de Deus na trajetória de fé desse povo.

3.3. A ressurreição no contexto do Novo Testamento

A primeira tradição cristã certamente herdou os pressupostos fundamentais sobre o tema da ressurreição, bem como o sentido das alegorias usadas em determinados momentos do Antigo Testamento. A ressurreição apresentada como um “acordar do sono” está presente no Novo Testamento, (Mt 9,24; Jo 11, 11; 1Ts 4, 15). O uso metafórico continua nas indicações da ressurreição como um “retorno do sono”, (Mt 9, 25; Lc 7, 14; Jo 12, 21). É preciso reconhecer que a tradição neotestamentária herdou também as dificuldades de linguagem para expressar esse tema, caracterizado por ambigüidades na sua interpretação. Entretanto, essa dificuldade não anula, nos primeiros anúncios, a intenção daquilo a ser comunicado. Pannenberg prova isso ao observar que a representação sobre a ressurreição dos mortos mais próxima da analogia do “despertar do sono” seria a revivificação de um cadáver, no sentido indicativo de um morto podendo se levantar e andar naturalmente. Porém, a concepção cristã mais antiga,

⁸⁶ W. PANNENBEG, *Fundamentos de cristologia*, p. 93.

⁸⁷ A. T. QUEIRUGA, *Repensar la cristología*, p. 159.

testemunhada nos relatos evangélicos e nos textos paulinos acerca da ressurreição, certamente não envereda por esse caminho. “A ressurreição significa em Paulo a nova vida de um corpo, não a volta de vida a um corpo inanimado que tenha então carne incorrupta.”⁸⁸

Nesse sentido, a reflexão paulina sobre a ressurreição, sua visão de ressurreição corporal, trabalhada em 1Cor, 15, 35-56, deixa bastante visível a concepção de uma parte da tradição judaica que fez eco no Novo Testamento nos permitindo ver, com mais clareza, a compreensão da ressurreição no tempo de Jesus.

Paulo desenvolve a ressurreição dos mortos a partir dos dados que possui, tendo como paradigma a ressurreição de Jesus. E parece bastante claro o fato de Paulo não conceber a ressurreição dos mortos, tão pouco a de Jesus, como uma simples revivificação de cadáver, senão como uma transformação radical.

Para além das influências recebidas, é preciso dizer que a ressurreição de Jesus carrega uma carga bastante grande de originalidade. A ressurreição e suas implicações são uma realidade nova e muito mais carregada de conteúdo se comparada com o comum da compreensão de então. Para Schillebeeckx “a diferença entre o conceito de ressurreição no Novo Testamento e no Judaísmo chama logo a atenção. A ressurreição de Jesus é intrinsecamente um acontecimento salutar [...] o amém de Deus sobre o homem Jesus.”⁸⁹ E para T. Lorenzen, embora se possa falar da “expectativa messiânica” como algo próprio da Palestina do século primeiro, já no que se refere à expectativa da ressurreição de uma figura messiânica, em geral, ou da ressurreição de um crucificado, em especial, é algo bastante novo e inédito, não cogitado e nem aguardado. E Lorenzen conclui que nem o transfundo histórico religioso semita, nem o helenista ou o judeu-helenista podem oferecer analogias apropriadas ao acontecimento da ressurreição de Cristo crucificado.⁹⁰

Então, apesar das compreensões equívocas que chegaram até o tempo de Jesus, uma coisa é certa: foi a partir do acontecido com Jesus que a compreensão da ressurreição ganha um status novo, bem mais evoluído e significativo para a vida e o envolvimento da comunidade. Além disso, “nunca, de nenhuma pessoa se

⁸⁸ W. PANNENBERG, *Fundamentos de cristologia*, p. 94.

⁸⁹ E. SCHILLEBEECKX, *Jesus: a história de um vivente*, p. 525.

⁹⁰ Cf. T. LORENZEN, *Rsurección y discipulado*, p. 163.

havia proclamando com tamanha clareza e intensidade o seu já estar vivo, plenamente “glorificado” em Deus e presente na história.”⁹¹ Afinal, afirmar que Jesus havia ressuscitado era bem mais a expressão de uma experiência do que a formulação mesma de um conceito teológico-religioso. As narrativas evangélicas sobre a ressurreição de Jesus querem transmitir justamente essa experiência.

3.4. Sobre as narrativas da ressurreição

O que é possível saber sobre a ressurreição de Jesus? Essa pergunta sugerida por Queiruga nos remete, num primeiro momento, àquilo que é o substrato histórico da ressurreição de Jesus Cristo. Apesar de sabermos da existência de fórmulas querigmáticas sobre a ressurreição, não vamos nos ocupar delas. Elas atestam aquilo que é consenso na tradição cristã: Cristo ressuscitou! A questão problemática não está nessa verdade adquirida pela fé. Está no como e no sentido de compreensão da ressurreição de Jesus. E são as narrativas evangélicas sobre as aparições de Jesus e os relatos do sepulcro vazio que, objetivamente, merecem uma nova perspectiva de abordagem. Essa é a intuição de Queiruga:

Por pouco que a reflexão considere as discussões mais pormenorizadas, descobre logo uma dificuldade – para não dizer, uma contradição – fundamental: a que nasce do choque entre a renovação produzida pela nova leitura crítica do texto bíblico e a persistência das velhas abordagens nascidas da leitura liberalista anterior.⁹²

Um teólogo responsável e um leitor esclarecido não lerão ao pé da letra as narrativas pascais; contudo, um bom tanto dos estudos acabam por girar em torno dos problemas particulares herdados de uma leitura literalista. No dizer de Queiruga, “muda a compreensão dos pormenores, mas permanece a mesma estrutura de abordagem.”⁹³

Isso pode ser aplicado, por exemplo, no que se refere às narrativas sobre as aparições do Ressuscitado e à cena do sepulcro vazio. Nós já estamos acostumados a ler esses textos, usando uma linguagem bultmanniana, para além da sua estrutura mítica. Porém, será que, não obstante todo o processo de crítica

⁹¹ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 267.

⁹² *Ibid.*, p. 39.

⁹³ *Ibid.*, p. 40.

bíblica, a cristologia sobre a ressurreição está liberta da compreensão “material” desses textos? Ou seja, embora sejam feitos todos os arrazoados acerca do sentido teológico e escatológico da ressurreição de Jesus, já é aceitável para teologia renunciar à tendência ao empirismo para compreender as narrativas evangélicas da ressurreição? Obviamente, nem vamos estender esses questionamentos à compreensão da ressurreição de Jesus nos meios mais populares da vida eclesial. Não é preciso muito esforço para constatar que a ressurreição de Jesus não difere muito de um “revivescimento” de um cadáver que retorna a vida, algo como, se levado ao pé da letra, se deduz das “ressurreições” de Lázaro ou da filha de Jairo.

No entender de Queiruga, a tradição cristã herdou, desde os tempos pré-críticos, uma leitura espontaneamente “concordista” das narrativas bíblicas, em geral. E, durante muito tempo, mesmo as diferenças inconciliáveis entre os textos bíblicos referindo sobre o mesmo assunto não causaram problemas aos teólogos que enxergavam nas diferenças uma forma de complementação mútua.⁹⁴

Já, quando se tenta conciliar, numa perspectiva mais histórica, os relatos sobre a ressurreição, o resultado é, na expressão de Karl Barth, um verdadeiro caos. “Uma leitura atenta dos textos lança um desafio a quem pretenda fazer concordar os diversos relatos tanto no tempo quanto no espaço.”⁹⁵ Ou na percepção de J. L. Segundo, “a sinopse desaparece”.⁹⁶

Joachim Jeremias também faz referência entre a grande diferença das narrativas evangélicas da paixão em relação à páscoa:

Na história da paixão, todos os Evangelhos, fora algumas diferenças de detalhes, apresentam um quadro básico fixo das tradições comuns: entrada em Jerusalém – última ceia – Getsêmani – prisão – audiência perante o Sinédrio – negação de Pedro – o episódio de Barrabás – condenação por Pilatos – crucificação – sepultamento – túmulo vazio. Totalmente diverso é o caso das narrativas pascais. De quadro comum só se pode falar da sequência: túmulo vazio e aparições. No restante a imagem é bastante variada.⁹⁷

Diante desse quadro não é possível, decididamente os textos não autorizam isso e nem têm essa pretensão, buscar o que ocorreu numa interpretação literal e direta. O caminho deve ser outro. É preciso se esforçar para compreender esses textos, não a partir da nossa lógica, mas sim dentro do seu contexto originário,

⁹⁴ Cf. A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 44.

⁹⁵ X. LÉON-DUFOUR, *Resurrección de Jesús y mensaje pascual*, p. 24.

⁹⁶ Cf. J. L. SEGUNDO, *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*, p. 253.

⁹⁷ Joachim JEREMIAS, *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 428.

num processo hermenêutico que nos permita, o mais próximo possível, encontrar a intencionalidade mesma das narrativas.

3.5. As tradições pascais

G. Theisen classifica os textos pascais basicamente em duas tradições: a tradição formular, da qual não vamos nos ocupar;⁹⁸ e a tradição narrativa.

A tradição narrativa se apresenta na soma de duas tradições que surgiram independentes entre si e que foram interligadas apenas num estágio posterior. Trata-se das narrativas sobre as aparições e os relatos do túmulo vazio.

3.5.1. As aparições

É possível constatar na história das narrativas evangélicas uma tendência em aproximar, de forma progressiva, ambas as tradições. O Evangelho de Marcos, que contém a narrativa mais antiga, se refere tão somente ao sepulcro vazio. “Não vos espanteis! Estais procurando Jesus de Nazaré, o crucificado. Ressuscitou, não está aqui”, (Mc 16, 6). Quem dá essa notícia a Maria Madalena, a Maria, mãe de Tiago, e a Salomé é um jovem vestido com uma túnica branca. Embora o texto mais antigo de Marcos não fale de aparições, deixa uma dica interessante, “Ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito” (Mc 16, 7).

Xavier Léon-Dufour trabalha com a hipótese de duas tradições sobre as aparições: uma surgida em Jerusalém e outra surgida na Galileia. Ele concluirá ser a tradição de Jerusalém a mais antiga e esta teria influenciado Paulo, por exemplo. É curioso o fato de que Marcos, embora não narre nenhuma cena de aparição, remeta Pedro e os discípulos para a Galileia. Isso faz pensar que o evangelista

⁹⁸Essa tradição é a que primeiro aparece, marcadas pela sobriedade diziam o essencial: Jesus ressuscitou! Cf. G. THIESEN; Annette MERZ, *O Jesus histórico*, p. 510-511. Para uma apreciação da evolução e distinção “gramatical” dessas expressões cf. E. SCHILLEBEECKX, *Jesus: a história de um vivente*, p. 525-527.

poderia ter conhecido alguma tradição sobre as aparições. O texto de Marcos, aqui considerado, termina em 16, 8. Estamos cientes de que 9-19, que apenas cita uma série de aparições, trata-se de uma redação bem posterior.

Lucas aborda as duas realidades, sepulcro vazio e aparições, de forma separada. O relato de Lc 24, 1-8 concentra-se na constatação do sepulcro aberto e vazio. E são “dois homens com vestes fulgurantes” que dão a notícia: “porque procurais entre os mortos aquele que está vivo?” (24, 5). As cenas das aparições estão, no texto lucano, dispostas de forma independente da narrativa do sepulcro encontrado vazio.

Já no Evangelho de Mateus, ambas as narrativas se encontram unidas. Logo depois do “grande terremoto” o “anjo do Senhor” desceu do céu e removeu a pedra do sepulcro, mas Jesus não estava mais lá. “Ele não está aqui, pois ressurgiu, conforme havia dito.” (Mt, 28, 6). O mesmo anjo orienta as mulheres a procurarem os discípulos e a lhes darem a boa notícia. E, quase que imediatamente a essa cena, o próprio Jesus veio ao encontro delas, (Mt 29,9).

João também faz unir, numa sequência imediata, a cena do sepulcro com o relato de algumas aparições. Enquanto Pedro e o discípulo amado examinam o sepulcro (Jo, 20, 6-10), Maria Madalena é interpelada sobre a razão do seu choro e, ao ouvir seu nome, reconhece Jesus (Jo 20, 16).

No estrato mais antigo da tradição, muito provavelmente, ambas as linhas se encontram separadas: Marcos relata unicamente o que se refere ao sepulcro vazio, (c. 16), e Paulo trata do que se refere somente às aparições do ressuscitado (1Cor 15). É consenso na exegese bíblica que as aparições do ressuscitado nascem de uma tradição oral, recolhida primeiramente por Paulo, e antecedente ao relato do sepulcro vazio, recolhido por Marcos e assimilado pelos demais evangelistas numa mescla de narrativas.

Theisen agrupa as narrativas sobre as aparições em dois tipos formais: aparições de mandato, em que Jesus aparece de forma reconhecível, cujo foco é uma palavra de mandato ou envio, cf. Mt 28, 16-20; Lc 24, 36-49; Jo 20, 19-23; e aparições de reconhecimento, nas quais, num primeiro momento, Jesus não é reconhecido e o foco é justamente o reconhecimento de sua manifestação, Lc 24, 13-31; Jo 20, 11-18; Jo 21, 1-14).⁹⁹

⁹⁹ Cf. G. THIESEN; Annette MERZ, *O Jesus histórico*, p. 511-512.

Para X. Léon-Dufour é possível distinguir, entre os testemunhos literários das aparições do Ressuscitado, a lista de 1Cor 15, os sumários dos Atos dos Apóstolos e os relatos evangélicos.¹⁰⁰ Esse autor faz uma distinção entre aquilo que ele chama de aparições oficiais, dirigidas para os discípulos reunidos, e as aparições privadas, referentes a pessoas individuais, como é o caso de Emaús e das santas mulheres. Essas últimas são por demais retocadas, no sentido de serem muito sofisticadas e, portanto, provavelmente posteriores àquelas que ele chama de oficiais. E são justamente essas aparições oficiais que carregam uma carga significativa mais coerente para a interpretação do sentido da ressurreição.¹⁰¹

3.5.2.

O sepulcro vazio

Faz parte das narrativas pascais o relato do sepulcro vazio, presente nos quatro evangelhos. É curiosamente notável que os outros escritos neotestamentários ignorem esse fato e que o querigma primitivo não faça nenhuma referência a esse evento. Na verdade, tal ausência se explica por aquilo já apontado anteriormente: os relatos evangélicos são posteriores aos outros eventos narrados. Para W. Kasper, e Queiruga também partilha dessa ideia, as histórias pascais narradas nos evangelhos, de forma especial as referentes ao sepulcro vazio, colocam problemas árdus. A questão fundamental é a seguinte:

Trata-se de relatos históricos, ao menos com um fundo histórico, ou são lendas que expressam a fé pascal em forma de narrações? Quer dizer, são os relatos pascais e, sobretudo, os referentes ao sepulcro vazio, um produto ou a origem histórica da fé pascal?¹⁰²

Certamente as opiniões são bastante díspares. A visão tradicional marcadora da fé na ressurreição afirma que a fé pascal se originou com o descobrimento do sepulcro vazio. Essa visão considera ainda as aparições como um evento posterior ao sepulcro vazio. Todavia, há outra corrente cada vez mais apoiada nos estudos exegéticos, que afirma ser a narrativa do sepulcro vazio secundária à formulação do querigma, da qual fazem parte as descrições das aparições. Nesse modo de

¹⁰⁰ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Resurrección de Jesús y mensaje pascual*, p. 136.

¹⁰¹ Para um aprofundamento sobre o tema das aparições numa perspectiva exegética vele a pena ler todo o tópico. X. LÉON-DUFOUR, *op. cit.*, p. 135-161.

¹⁰² W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 155.

entender, o sepulcro aparece de forma posterior, com fins apologéticos e tende a apresentar uma realidade “corporal” da ressurreição, combatendo intentos reducionistas de tipo espiritualista.

Entretanto, é preciso considerar, independente da postura adotada, esse núcleo histórico, pelo menos histórico no seu aspecto de narrativa evangélica, que fala sobre o sepulcro, sem assumi-lo como uma prova, em si, da ressurreição. “Historicamente o que se pode provar é a probabilidade de que o sepulcro se encontrou vazio”.¹⁰³

No que se refere a antiguidade, Kasper vê o relato de Mc 16, 1-8 como o mais antigo. Essa perícopete serve de base para o que é narrado nos demais evangelhos. Contudo, Kasper não considera a narrativa de Marcos como um relato histórico. Sua afirmação é justificada a partir de dois elementos por demais artificiais contidos na narrativa. O primeiro é a intenção das mulheres de ungir o sepultado, já envolto em lençóis, depois de três dias, algo que não se coaduna com o costume da época. O outro argumento está na descrição da preocupação das mulheres, já no meio do caminho, quanto à pedra que lacrava o sepulcro. É mais coerente supor não se tratem de detalhes históricos e sim de artifícios redacionais para criar uma tensão de estilo literário com a intenção de causar um suspense impactante no leitor.

Ao aprofundar o caráter redacional dessa perícopete, se chega ainda a uma tradição mais antiga, pré-marcana. Marcos é quem recolhe essa tradição com bastante sobriedade, porém carregando, já, uma interpretação com certo caráter mítico. Isso fica melhor expresso pela presença do anjo, (Mc 16,5). Nessa narrativa, a atenção primeira não se volta ao fato de que o sepulcro esteja vazio. Primeiramente, é feito o anúncio da ressurreição e depois se aponta para o sepulcro como um “signo”, sinal, da fé. A antiga tradição não tinha intenção de ser um relato histórico sobre a busca do sepulcro vazio, senão um testemunho de fé.

Kasper faz ver que essa tradição pode convergir dentro de um esquema de uma “etiologia cultural”. É sabido que o judaísmo da época venerava o sepulcro de personalidades. De forma semelhante, pode ter havido na comunidade de Jerusalém uma veneração cültica à memória de Jesus em torno de seu sepulcro, e nessa celebração seria feito o anúncio da boa nova de sua ressurreição, mostrando

¹⁰³ W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p.157.

o sepulcro vazio, não necessariamente como uma realidade empírica, mas como um símbolo na linguagem da fé, como um sinal de sua ressurreição.¹⁰⁴

3.6. A sobriedade dos relatos

É, de fato, interessante constatar a sobriedade de Marcos e dos demais evangelistas quando tratam da ressurreição de Jesus. E nenhum deles ousa narrar o evento em si. Queiruga vê nesse aspecto uma “prova às avessas”, sobretudo, porque, ao tentarem isso, o resultado deixou evidenciar o caráter exageradamente mítico da narrativa. É o caso do evangelho apócrifo de Pedro.

Mas durante a noite que precedia o domingo, enquanto os soldados estavam de dois em dois fazendo a guarda, produziu-se uma grande voz no céu. E viram os céus abertos e dois varões que dali baixavam tendo um grande resplendor e aproximando-se de sepulcro. E aquela pedra que haviam colocado sobre a porta rolou por seu próprio impulso e retirou-se para o lado, fazendo com que o sepulcro ficasse aberto e ambos os jovens nele entrassem. Ao verem isso, pois, aqueles soldados despertaram o centurião e os anciões, pois estes se encontravam ali montando a guarda. E, estando eles explicando o que acabavam de ver, percebem de novo três homens saindo do sepulcro, dois dos quais serviam de apoio a um terceiro, e uma cruz que seguia após eles. E a cabeça dos dois (primeiros) chegava até o céu, enquanto a do que era conduzido por eles ultrapassava os céus. E ouviram a voz proveniente dos céus que dizia: “Pregaste aos que dormem?”; e se ouvi, vindo da cruz, uma resposta: “Sim”. Eles (os soldados), então estavam combinando entre si de por-se a caminho para manifestar isto a Pilatos. E, enquanto se encontravam ainda matutando sobre isso, aparecem de novo os céus abertos e um homem que baixa e entra no sepulcro.

Vendo isto, os que estavam junto ao centurião apressaram-se a ir a Pilatos de noite, abandonando o sepulcro que custodiavam. E, cheios de agitação, contaram tudo o que tinham visto, dizendo: “Verdadeiramente ele era Filho de Deus”. Pilatos respondeu desta maneira: “Eu estou limpo do sangue do Filho de Deus; fostes vós os que o quiseste assim”.¹⁰⁵

E mesmo o texto canônico de Mateus quando, nos versículos de dois a cinco do capítulo vinte e oito, fala de um grande tremor de terra e de um anjo que desce do céu com aspecto de um relâmpago e que remove a pedra do túmulo diante dos soldados e esses, tremendo de medo, ficam como que mortos, exige um bom

¹⁰⁴ Cf. W. KASPER, *Jesús, el Cristo*, p. 155-157.

¹⁰⁵ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 80. A citação é longa, mas oportuna para favorecer nossa percepção.

exercício de compreensão das teofanias do Antigo Testamento para proporcionar uma interpretação adequada da mensagem a ser transmitida.

“A simples leitura desses textos constitui para o leitor e para a leitora atuais a melhor prova de que a visibilidade física não é precisamente o melhor caminho para esclarecer e tornar crível a fé na ressurreição”.¹⁰⁶ Por isso, esses textos ricos em simbolismos e significados precisam ser constantemente relidos e ressignificados.

3.7.

Buscando interpretar o relato do túmulo vazio e seu sentido

“O desaparecimento do cadáver de Jesus não obriga a concluir que ele saiu vivo do túmulo.”¹⁰⁷ E a inversão dessa afirmativa na forma interrogativa, ou seja, postular a permanência do corpo de Jesus no túmulo, nos obriga a concluir que ele não ressuscitou? R. Haight responderá essa questão dizendo:

Quem pensa que a ressurreição é a ressurreição de um cadáver, tenderá a interpretar a narrativa do sepulcro vazio em termos literais e históricos. Quem, por outro lado, imagina que a ressurreição significa que Jesus continua a viver na fé da comunidade, pode descartar a questão da historicidade dos relatos sobre o sepulcro vazio por considerá-la irrelevante.¹⁰⁸

O mais sensato não é se deixar guiar por nenhum *a priori*. E, como já vimos, os relatos do Novo Testamento possuem uma inteligibilidade própria com um intuito de revelar a ação de Deus ao ressuscitar Jesus.

É interessante notar que a narrativa, muitas vezes atestada para afirmar a ressurreição, é, em si mesma, aberta no que se refere à questão do que teria acontecido com o corpo de Jesus: um traslado? Um rapto do cadáver? Afinal, se atesta que o sepulcro estava vazio, ou, que o Senhor foi retirado do sepulcro e seu paradeiro é desconhecido (cf. Jo 20,2). A narrativa, por si só, não força a convicção, deixando à fé a plena liberdade de decidir sobre seu sentido. Naturalmente há uma indicação do porquê de o sepulcro estar vazio: Ele ressuscitou!

¹⁰⁶ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 80.

¹⁰⁷ J. MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 306.

¹⁰⁸ R. HAIGHT, *Jesus, símbolo de Deus*, p. 152.

Para Moingt, essa narrativa pode ser considerada a última escritura histórica sobre Jesus. E ela reconduz ao lugar em que ele tinha sido visto morto, pela última vez, fechando a narrativa de sua vida, bem de acordo com sua história e sua existência: de onde ele veio? Qual sua origem? Qual o seu fim?¹⁰⁹

O sepulcro não está vazio somente, está também aberto. “A abertura é o sinal da intervenção deliberada e autoritária¹¹⁰ de alguém e, numa reflexão a esse respeito, impõe-se a ideia de que se trata do próprio Deus. [...] A reabertura (do sepulcro) é, portanto, o sinal de uma intervenção de Deus, reabrindo o livro do qual se acreditava já ter virado a última página.”¹¹¹ Também Lorenzen enxerga a ressurreição de Jesus dentro de uma categoria desenvolvida por ele, como “ato de Deus.”¹¹²

Aceitar a ressurreição como um ato mesmo de Deus, uma intervenção radical em favor do seu Filho que sofreu o suplício de uma morte injusta, se é que alguma morte provocada, fora do seu curso natural, pode ser justa, é admitir o óbvio. É admitir a ação Deus, que Deus não está indiferente à realidade do mundo e permanece presente na vida do mundo, assim como esteve sempre presente na atuação de Jesus. Compreender a ação de Deus dessa maneira ajuda, inclusive, a não cairmos no risco de reduzir a ressurreição a um conceito de mera abstração religiosa. Para além da fé pessoal e individual de cada cristão, a teologia, se quiser ser e se manter coerente com suas raízes precisa firmar-se nessa convicção: a ressurreição de Jesus é um fato novo, é a ação de Deus que tira Jesus do abismo da morte e o exalta na glória. A ressurreição é real e verdadeira.¹¹³

Qualquer abordagem teológica, com pretensão de ser séria, precisa considerar esse aspecto. Na verdade Queiruga, em diversos momentos de sua obra retoma esse ponto. E no caso específico do sepulcro vazio a questão de fundo não discute a ressurreição especificamente. Esta é assumida. Trata-se, mais

¹⁰⁹ Cf. J. MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 307.

¹¹⁰ Nesse contexto, convém entender esse adjetivo como uma autoridade moral do poder de fazer justiça.

¹¹¹ J. MOINGT, *op. cit.*, p. 307.

¹¹² “Por ‘ato de Deus’ de nenhum modo significa que se coloca em dúvida a realidade efetiva e transformadora da história, do acontecimento. Simplesmente pretendo indicar que um “ato de Deus” não se pode considerar no mesmo plano, nem se pode entender com a mesma metodologia que um ato histórico humano.” cf. T. LORENZEN, *Ressurrección y discipulado*, p. 159. O tema da ação de Deus na ressurreição de Jesus será devidamente aprofundado no próximo capítulo.

¹¹³ Ressurreição real, porque corresponde a uma experiência reveladora, que mesmo não sendo empírica não deixou de levar a uma descoberta objetiva. Cf. A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 273.

explicitamente, de buscar o sentido desses textos, e nessa busca é possível enxergar para além dos esquemas tradicionais já plantados na compreensão comum, novas formas de compreensão, oxalá, mais significativas.

Ao estudar os relatos do sepulcro vazio, P. Bony se inclina em ver neles a presença de uma criação de estilo literário.

O relato do túmulo encontrado vazio seria apenas a colocação, em forma de narrativa, de uma convicção deduzida da fé pascal: já que Jesus ressuscitou, ele não poderia estar ainda em seu túmulo. No fundo, o relato procederia de uma dedução: Jesus ressuscitou, portanto seu túmulo deve estar vazio, portanto contemos que seu túmulo foi encontrado vazio.¹¹⁴

A ideia de dedução apresentada por Bony pode parecer demasiado simples, quando não, pragmática. Nossa abordagem sobre a construção dessas narrativas, mesmo que sintéticas, mostram que há mais complexidade nessa realidade. Não obstante, tal ideia conserva uma verdade: o núcleo do relato sobre o túmulo vazio é a convicção da ressurreição, e não o contrário, até porque, como já referimos diversas vezes, esses relatos são provavelmente os mais tardios dos evangelhos. E, talvez, essa ideia de sepulcro vazio tenha sido usada, posteriormente, para expressar o tema da “ressurreição corporal”.

A presença de símbolos diversos nas construções dos quatro evangelistas ressalta, por esse recurso de linguagem, a ideia da presença de Deus na ressurreição de Jesus. Em João, por exemplo, o túmulo aberto repete o gesto da morte e vida, pois do lado aberto de Jesus na cruz jorram sangue e água, símbolos da vida nova. Em Mateus, vemos no simbolismo resgatado do Antigo Testamento, o tremor de terra e o anjo com o aspecto reluzente de um relâmpago, que determina a intervenção do próprio Deus. A presença de anjos comunicando a boa nova mostra a origem da própria notícia, anúncios especiais são sempre confiados às figuras dos anjos.

Moingt ressalta que “o simbolismo do sepulcro aberto não diz outra coisa além da narrativa do túmulo vazio tomado ao pé da letra, mas esclarece o seu não dito.”¹¹⁵ Jesus está ausente de onde deveriam tê-lo encontrado, não está mais na morada dos mortos. Essa narrativa não tem o menor interesse em dizer o que aconteceu com o corpo de Jesus depositado no túmulo. Só quer dizer que o túmulo, símbolo da morte, não é o lugar de Jesus. Ele não deve ser procurado no

¹¹⁴ Paul BONY, *A ressurreição de Jesus*, São Paulo, Loyola, 2008, p. 90.

¹¹⁵ J. MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 309.

reino dos mortos. “Porque procurais entre os mortos aquele que está vivo, ressuscitou!” (Lc 24, 5). “O túmulo vazio é a marca, neste mundo, da vitória sobre a morte.”¹¹⁶

Queiruga acredita que o relato do sepulcro vazio está apoiado na certeza da ressurreição de Jesus. Não é a descrição do relato que desperta para a fé na ressurreição. É a experiência da ressurreição que provoca a construção desse tipo de relato.

3.8. Sobre as aparições e o seu sentido

A fé no Ressuscitado repousa também no testemunho. O “ato” mesmo da ressurreição ninguém viu e os evangelhos canônicos se abstêm de descrever. O evangelho apócrifo de Pedro ousou narrá-la e, como pudemos constatar, o resultado nos transmite mais insegurança do que confiança. Isso assegura que a ressurreição de Jesus escapa necessariamente a todo olhar humano. “Sua realidade pertence ao mundo novo, ao “mundo futuro”, sobre o qual nossos sentidos não tem nenhuma influência.”¹¹⁷ A ressurreição é também um processo de revelação de forma que, necessariamente, precisa impactar a história. Podemos então dizer que as aparições pascais preenchem essa função, ou seja, por meio da linguagem torna mais perceptível no mundo o sentido da ressurreição. Para P. Bony as aparições constituem a “interface” da ressurreição.

As aparições cumprem um processo hermenêutico na compreensão da presença do Ressuscitado. Uma presença, como diz Moingt, funcionando sob a forma de ausência.¹¹⁸

Ajuda a compreender melhor o sentido das aparições quando se presta mais atenção ao que elas indicam do que, efetivamente, às aparições em si mesmas. No julgar de algumas linhas teológicas, bem como na compreensão comum dos crentes, as aparições e o sepulcro vazio consistem em elementos que “provariam” a presença visível do Ressuscitado. No espectro amplo, diverso e até desfocado

¹¹⁶ J. MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 311.

¹¹⁷ P. BONY, *A ressurreição de Jesus*, p. 63.

¹¹⁸ Cf. J. MOINGT, *op. cit.*, p. 313.

das aparições fica difícil sustentar que essa tenha sido mesmo a intenção de seus redatores.

Por exemplo, no livro dos Atos dos Apóstolos, é dito que Jesus apareceu durante muitos dias, (13, 31) e que “mostrou-se vivo após a paixão com numerosas e indiscutíveis provas; apareceu-lhes por espaço de quarenta dias, falando-lhes do Reino de Deus.” (1, 3). Sabemos bem da adequação do número quarenta à intenção de Lucas em construir uma sequência ordenada de fatos sobre a vida de Jesus. O valor é simbólico e não cronológico: significa a plenitude da manifestação de Jesus; referência aos quarenta dias passados no deserto; os quarentas anos do êxodo do povo judeu; um “tempo de prova de fé” passados pelos discípulos para experimentarem a ressurreição.

Não deixa de ser evocativo o aparecimento de Jesus, em diversos momentos, censurando a incredulidade dos discípulos descrentes das primeiras testemunhas.¹¹⁹ Mais evocativa ainda é o primeiro final do quarto evangelho, em que é dito, diante da incredulidade de Tomé, “felizes os que não viram e creram.” (Jo 20, 29). Parece que, na lógica interna dos evangelhos, esses textos “pós-pascais” têm bem mais a função de comunicar uma mensagem renovadora do que provar a materialidade da ressurreição. Quem pode, depois de uma leitura atenta do capítulo vinte e quatro do evangelho de Lucas, supor que ali está narrado um “fato”? Trata-se de uma exímia construção literária, bem coerente com a própria estrutura do texto do Evangelho, que coloca o leitor, um crente, na perspectiva do “caminho”. É justamente nesse “caminhar”, que Jesus foi realmente se dando a conhecer.¹²⁰ Da mesma forma, é no caminhar iluminado pela Palavra que o novo crente encontrará com o Ressuscitado celebrado na memória da comunidade. E ninguém precisa exigir que o relato marcante e profundo, conhecido como aparição aos discípulos de Emaús, tenha necessariamente um fundo histórico para continuar sendo verdadeiro e evocativo.

T. Lorenzen, num trabalho sério e amplo, refletindo sobre o tema das aparições assume, nesse caso específico, uma posição no mínimo ambígua.

Em primeiro lugar podemos dizer com certeza razoável que Maria Madalena, Pedro, Paulo e possivelmente outros entre os primeiros cristãos (por exemplo,

¹¹⁹ Cf. O apêndice tardio de Marcos 16, 14, por exemplo. É verdade que nesse apêndice não é descrita nenhuma cena de aparições, simplesmente cita algumas. Cf. também Lc 24, 39; Jo 20, 27.

¹²⁰ Já é bastante conhecida a estrutura narrativa compostas pelo autor do Evangelho de Lucas que coloca Jesus a caminho de Jerusalém. Essa viagem reveladora e pedagógica se inicia em 9, 51 e se estende 19, 27.

Tomé, “os doze” e os “mais de quinhentos irmãos” a quem menciona Paulo em 1Cor, 15, 5-7) tiveram encontros surpreendentes e inesperados com Jesus Cristo depois de sua morte.¹²¹

Mais adiante ele afirmará a realidade desses encontros e eles não podem ser reduzidos a visões, sonhos ou êxtases subjetivos, propensões psicológicas ou arraoados teológicos dos discípulos.

É razoável concordar com a posição de Lorenzen, sobretudo quando se diz que as aparições narradas não podem pura e simplesmente ser subjetivadas e relativizadas. A categoria de encontro parece bastante pertinente para descrever a experiência com o Ressuscitado. Impõe-se, contudo, certa dificuldade em saber se Lorenzen entende esse encontro real como “encontro no sentido empírico”. Essa falta de clareza ao descrever sua percepção das aparições é que denota certa ambigüidade.

As aparições, também para Lorenzen, não se identificam com a ressurreição de Jesus: são conseqüências e testemunho desta. É uma forma de aproximar a ressurreição do curso da história. Percepção também partilhada por Moingt: “tendo permanecido incógnito enquanto estava presente, só ausente é reconhecido; deixa-se descobrir ao ir embora, pois é no Reino de Deus que se assume sua verdadeira identidade.”¹²²

Mais uma vez é preciso dizer que as aparições, tal como estão dispostas, pretendem dar mais inteligibilidade a fé na ressurreição. Quem busca, essa é a intuição crítica de Queiruga, nas aparições o fundo de sustentação e fundamento da fé no Ressuscitado corre o risco de anular uma e outra. Por isso, exige-se a insistência em enxergar esses textos dentro do contexto onde foram gestados e manifestados: um contexto de forte emotividade religiosa. Também é preciso enxergar neles seu caráter teológico, no qual é expresso um ensinamento que ajuda a enxergar um objeto de fé. Textos escritos através de relatos alheios, redigidos entre quatro e sete décadas mais tarde, não podem ser considerados como simples descrição de acontecimentos factuais. Daí, a necessidade de uma tarefa hermenêutica consistente que possibilite ler esses textos para interpretar também o modo da ressurreição de Jesus.

¹²¹ T. LORENZEN, *Resurrección y discipulado*, p. 190.

¹²² Cf. J. MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 316.

3.9. Uma reflexão sobre sentido da ressurreição do corpo

Depois de vermos mais de perto as narrativas evangélicas em sua gênese e no seu contexto, a fim de perceber o fundamento da experiência da ressurreição, convém verificar como é possível entender, na atual conjuntura, o tema da ressurreição do corpo, pensando especificamente na ressurreição de Jesus.

“Para ver algo, diz Queiruga, a primeira coisa a fazer é ajustar a vista ao objeto. Da mesma forma, para captar um significado, é preciso acomodar-se à sua intencionalidade específica.”¹²³ A reflexão sobre o corpo do Ressuscitado deve ser norteadada pela busca dessa intencionalidade específica e seus significados, de forma mais precisa, o destino do cadáver do crucificado.

Para Queiruga, independentemente da condição real do sepulcro, historicamente atestado vazio ou não, a questão de princípio é: a ressurreição como tal implica a necessidade de que o sepulcro fosse encontrado vazio? Mais ainda, movendo-se tão somente no nível das hipóteses, do ponto de vista religioso e para um fecundo compromisso de fé, o que muda entre uma hipótese e outra?¹²⁴ E se, ainda no nível hipotético, o corpo material de Jesus permanecesse em definitivo no sepulcro, inclusive sujeito ao curso natural de qualquer outro cadáver, isso afetaria e comprometeria a convicção na ressurreição de Jesus Cristo?

É bastante aceito na cristologia recente o caráter simbólico das narrativas do sepulcro vazio e também das aparições. Contudo, não é comum encontrar quem se dedique a refletir sobre a situação mesma do corpo de Jesus morto e depois ressuscitado. Nesse campo, a linguagem é quase sempre evasiva. R. Haight, por exemplo, diz que “enquanto a própria ressurreição estiver jungida às representações sensíveis, iremos operar em um nível de entendimento que caricatura o símbolo causando problemas desnecessários à fé. Ela acarreta inevitavelmente uma série de questões que provocam desorientação.”¹²⁵ Perguntas sobre o destino do corpo de Jesus; ou o que aconteceu no momento de sua ressurreição; como era o corpo do ressuscitado, uma vez que se envolveu com o

¹²³ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 78.

¹²⁴ Cf. *Ibid.*, p. 78

¹²⁵ R. HAIGHT, *Jesus, símbolo de Deus*, p. 156.

mundo material. Essas e outras possíveis perguntas são inapropriadas à realidade da ressurreição.

No que se refere a esse tema especificamente, a reflexão de Queiruga se apresenta de uma forma mais direta. No seu entender, a fé na ressurreição autêntica não é a volta à vida de um cadáver, ela implica um modo de existência já não mais material, mundano ou psicofísico.¹²⁶ “O Ressuscitado, justamente por sua glorificação, que o introduz, de maneira definitiva, na transcendência divina, está acima de toda possível percepção de caráter fisicamente constatável ou manipulável.”¹²⁷ Em outra obra, a reflexão segue nessa mesma linha:

O assunto é melhor compreendido a partir da antropologia bíblica, para a qual o corpo não é o oposto da alma, mas sim a totalidade do ser humano enquanto lugar de sua presença. Que o corpo de Cristo seja espiritual significa, portanto, que sua presença diante de si mesmo, dos outros e de Deus já é a mesma do Espírito: livre das limitações do tempo e do espaço elimina o cerco fechado da individualidade.¹²⁸

Só o desapego de qualquer compreensão material da ressurreição de Jesus é que permite compreender as intuições riquíssimas dos primeiros cristãos: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei ali, no meio deles.” (Mt 18,20). Da mesma forma, essa experiência pode ser vivida ainda hoje e poderá ser igualmente vivida no futuro.

Em outras palavras, a corporalidade atual do Cristo ressuscitado transcende radicalmente a condição espaciotemporal; portanto, não tem – nem pode ter – nenhuma das qualidades físicas que constituíam seu corpo mortal. Não por defeito, obviamente, mas precisamente pelo contrário: sua condição atual consiste justamente em romper as limitações da matéria, para entrar em um modo radicalmente novo de identificação com a transcendência divina. São Paulo tentou insinuar esta condição, que supera todas as barreiras materiais e rompe todos os esquemas conceituais, falando de “corpo espiritual” (1Cor 15, 44).¹²⁹

Essa compreensão paulina é verdadeiramente ilustrativa. Diante das indagações sobre como ressuscitam os mortos, com que corpo voltam (1Cor 15, 35), a resposta é profundamente interpelativa: “o que semeias não readquire vida a não ser que morra. E o que semeias não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas um simples grão.” (1Cor 15, 35-37). A conclusão que se segue é muito rica no seu simbolismo, “o mesmo se dá com a ressurreição dos mortos:

¹²⁶ Na verdade, sabemos disso, essa compreensão de ressurreição não é exclusiva de Queiruga. Só queremos ressaltar que na reflexão desse autor esse tema é abordado de forma mais direta e enfática.

¹²⁷ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 172.

¹²⁸ Id., *Recuperar a salvação*, São Paulo: Paulus, 2 ed., 2005, p. 194.

¹²⁹ Id., *Repensar a ressurreição*, p. 78.

semeado corruptível, o corpo ressuscita incorruptível; semeado desprezível, ressuscita reluzente de glória; semeado na fraqueza, ressuscita cheio de força; semeado corpo psíquico; ressuscita corpo espiritual.” (1Cor 15, 42-44).

É a forma paulina de dizer que da morte à ressurreição há descontinuidade na continuidade, identidade na não-identidade. “Corpo espiritual” é a maneira de se dizer que o corpo ressuscitado, recriado por Deus não é mais aquilo que era antes. Aquele corpo carnal colocado na terra não é mais necessário para comportar a vida nova adquirida na ressurreição. “De fato, o homem não é somente corpo; é também espírito, conhecimento, amor, liberdade: tudo pelo que ele foi feito à imagem de Deus e “para ele”, para se assemelhar a Ele.”¹³⁰

Abrir-se para essa compreensão, que é uma intuição bíblica, permite enxergar outras maneiras, bem lúcidas, de compreender a dimensão da corporeidade. E nos faz questionar sobre a insistência, em certos meios religiosos e teológicos, quanto à materialidade do corpo do ressuscitado: é um respeito pela letra da Escritura? É a afirmação da ressurreição de Jesus como um milagre operado e demonstrado pelo poder de Deus? Ou é a necessidade de se agarrar a “provas empíricas” de que Jesus efetivamente ressuscitou? Além disso, é preciso ainda se perguntar se a necessidade de um corpo morto e agora ressuscitado, o qual é possível ser tocado, visto fisicamente é um ato mesmo de Deus ou uma necessidade interpretativa que se foi impondo ao longo do tempo para satisfazer a uma convicção de fé de um tipo de mentalidade e cultura.

Para Queiruga, não contar com a historicidade do sepulcro vazio e não assumir o caráter empírico das aparições, não implica, em absoluto, negar a realidade da ressurreição, simplesmente porque, para ele, essa não depende do aparecimento e desaparecimento de um corpo físico.¹³¹ O conceito de corpo não se reduz unicamente a sua dimensão física. Na verdade essa dimensão só tem sentido quando é aberta e ampliada para a concepção de pessoa. Por isso Moingt dirá:

Para a fé o que importa não é a integridade orgânica do corpo inerente ao estar-aquí, no mundo enquanto doravante se trata de viver em Deus e para Deus; é a identidade de cada um, com a existência histórica que vivenciou no seu corpo, em relação a Deus e aos homens, e construiu sua personalidade vinculada a outros

¹³⁰ J. MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 329.

¹³¹ Cf. A. T. QUEIRUGA, *Repensar a ressurreição*, p. 178.

corpos. [...] É essa existência transformada que Deus ressuscita, respondendo à palavra do homem com sua palavra eternamente viva.¹³²

Essa percepção, bastante envolvente, faz Queiruga concluir que, independente de qual seja o destino do corpo físico – do cadáver – para a fé, o resultado é o mesmo. Numa hipótese se suporia o destino normal da desintegração física; noutra, mais cedo ou mais tarde teria que se evocar o “desaparecimento” desse corpo ressuscitado no mundo físico. O inconveniente dessa última hipótese é estruturar um esquema razoavelmente coerente sobre como um corpo, morto e radicalmente transformado, suporta em si mesmo, características físicas num certo espaço de tempo, da saída do sepulcro até o fim das aparições, para depois esse mesmo corpo entrar numa dimensão que não mais comporta absolutamente nada de físico.

Em certo sentido, esse é o problema de difícil equação que se impõe quando se assume a literalidade do texto bíblico nas narrativas do sepulcro vazio e nas aparições do Ressuscitado na perspectiva empírica. Depois de superado os esquemas míticos da leitura bíblica, dando um mínimo de respeito pela transcendência, unido ao conhecimento científico próprio do tempo atual, por a questão nesse nível é praticamente condenar ao aniquilamento aquilo que é o seu verdadeiro sentido.

Embora as intuições de Queiruga estejam mais ou menos dentro daquilo que é a interpretação comum da cristologia recente, é importante fazer algumas ressalvas. Vejamos, a título de exemplo, o que diz um conhecido exegeta contemporâneo:

Parecer-me-ia fora de propósito dizer: “Minha fé não seria perturbada se encontrassem o corpo de Jesus na Palestina.”¹³³ Não temos de fundamentar nossa fé na ressurreição do Cristo, na autoridade de algum teólogo moderno. Mas temos de apoiá-la na força do testemunho apostólico. A questão deve ser pois a seguinte: a fé de Pedro ou de Paulo teria sido perturbada se tivessem encontrado na Palestina os despojos de seu Mestre? Eu defendo a ideia de que os textos bíblicos mostram que esses dois apóstolos pregaram um Jesus cuja carne não se decompusera no túmulo. Em todo o Novo Testamento, não há um só iota que indique que um cristão tenha pensado que o corpo de Jesus estava no sepulcro se corrompendo. Por

¹³² J. MOINGT, *O homem que vinha de Deus*, p. 330.

¹³³ Não encontramos por escrito em nenhum dos textos que tivemos contato, mas já tivemos oportunidade em ouvir Queiruga dizer, em duas ocasiões, a primeira numa conferência na FAJE, em Belo Horizonte em 2004 e a segunda na PUC-Rio em 2008, que caso encontrássemos resquícios do corpo de Jesus, certamente estaríamos diante de uma preciosa relíquia que ajudaria a conservar a memória histórica de Jesus, e isso não afetaria em nada a fé e a convicção da ressurreição de Jesus.

isso penso que os textos bíblicos confirmam amplamente sua ressurreição corporal.¹³⁴

Evidentemente a questão está aberta. Para Queiruga, se o entendimento de “ressurreição corporal” implica assumir um corpo que pode ser visto e tocado, então, já insistimos nisso, trata-se de um conceito problemático. E a convicção de R. Brown só tem pleno sentido quando se assume uma interpretação do texto bíblico de forma que tende a literalidade do mesmo. É preciso dizer o quanto é complexo admitir, por exemplo, a aparição de Jesus nessa perspectiva quando se lê que “oito dias depois, estando fechadas as portas,¹³⁵ pôs-se (Jesus) no meio deles” e depois ainda disse a Tomé, “põe teu dedo aqui e vê minhas mãos, põe tua mão no meu lado” (cf. Jo 20, 27), não seja um texto carregado de simbolismo. Parece que a antiga tradição cristã já havia percebido que o fundamental do anúncio da ressurreição passa por outros caminhos, que não exigem necessariamente a visão corporal do Ressuscitado: “Felizes os que não viram e creram.” (Jo 20, 29).

Não podemos deixar de lado um comentário quase que na mesma perspectiva de R. Brown feito por Léon-Dufour:

Sucede que se lêem frases como esta: “Ainda que se tivesse encontrado o esqueleto de Jesus no sepulcro, isto não mudaria nada o fato da ressurreição”. Rechaçamos tal maneira de falar, pois contradiz o sentido do Novo Testamento. Passe-se indubitavelmente da questão da linguagem (a constatação da ausência do cadáver) a do fato (aquilo em que se converteu o cadáver). Caso, inclusive hoje, por razão de sua antropologia ou de sua cosmologia, alguns contemporâneos acreditar na ressurreição de Jesus, aceitando que seu esqueleto tenha permanecido no sepulcro, não ocorreria o mesmo com os discípulos do tempo de Jesus: eles, por sua parte, se tivessem encontrado o cadáver no sepulcro, não teriam podido admitir a ressurreição nem anunciá-la a seus contemporâneos. Por tanto, a hipótese do esqueleto ter permanecido no sepulcro, além de estar desprovida de fundamento histórico, contradiz os dados do texto e entorpece sua leitura. Antes de atrever-se a declarar que as coisas poderiam passar de tal ou qual forma, convém, pois, precisar o problema da linguagem em que tem sido narradas.¹³⁶

Para ser fiel ao Novo Testamento convém falar sempre em ressurreição corporal. E isto consiste em dizer que o ser de Jesus não vive tão somente na memória das pessoas, mas que foi devolvido pessoalmente e por inteiro à vida que não mais termina.

¹³⁴ Palavras de Raymond Edward Brown in: P. BONY, *A ressurreição de Jesus*, p. 98.

¹³⁵ Esse grifo quer ressaltar justamente a ambiguidade contida no relato: imaterialidade *versus* materialidade, conforme se acentua no grifo seguinte.

¹³⁶ X. LÉON-DUFOUR, *Resurrección de Jesús y mensaje pascual*, p. 320.

As palavras de R. Brown e Léon-Dufour constituem um alerta importante. Se de um lado há uma corrente teológica que tende a ler esses textos desde sua perspectiva simbólica, do outro lado é preciso não desprezar os mesmos textos, mas manter-se atento àquilo que eles comunicam. E se o texto do sepulcro vazio, hermeneuticamente lido, não prova a empiricidade da ressurreição e até permite supor e compreender a ressurreição no nível da transcendentalidade, esse mesmo texto afirma que o sepulcro foi encontrado vazio. Não é dito o que aconteceu com o corpo do Ressuscitado, e também não é autorizado dizer teologicamente que o corpo, reduzido num cadáver, se decompôs no sepulcro. Para Léon-Dufour é preciso manter viva a intuição inspiradora do texto no seu contexto. Os contemporâneos de Jesus souberam compreender a ressurreição e criaram uma linguagem para comunicá-la. Cabe a teologia atual encontrar uma forma de significar essa mesma linguagem sem falseá-la.

3.10. Conclusão

É um ganho já presente e marcante na consciência teológica cristã a compreensão de que Deus não “trabalha” intervindo com ingerências pontuais, interferindo na causalidade intramundana. “Na aparência superficial, essa visão parece exaltar a onipotência divina; mas na realidade, acaba convertendo Deus em uma causa – muito grande, aliás – entre as causas do mundo.”¹³⁷ Esse aspecto é bem pouco percebido: no anseio de se expressar a grandeza de Deus e a enormidade de seu poder, cai-se, inconscientemente, na atitude oposta ao tornar Deus bem menor do que se imagina e prisioneiro envolvido na ordem das coisas do mundo. É essa a impressão que se tem, quando se assume os textos bíblicos sem os devidos pressupostos hermenêuticos.

Essa é uma tensão com a qual a teologia tem convivido desde que se entende como uma reflexão sobre a fé. Queiruga é um autor sensível a essa temática e, não poucas vezes, se vê no limiar daquilo que é aceitável assumir

¹³⁷ A. T. QUEIRUGA, *Repensar a Ressurreição*, p. 93. Mas isso não significa dizer que Deus não estava presente, agindo diretamente na ressurreição de Jesus.

como ação de Deus no mundo, porque Deus age, e, ao mesmo tempo, é preciso salvaguardar a transcendência própria que se deve à Divindade. Estamos dentro do espectro amplo e complexo da revelação, temática arduamente estudada e refletida por Queiruga e que se faz presente, com mais ou menos intensidade, em todas as suas obras.

A passagem pelas narrativas bíblicas das aparições e do sepulcro vazio deixou a sensação bastante segura de que podemos interpretar esses textos como construções literárias bem carregadas de sentido. Por isso, essas narrativas tendem a dizer bem mais do que a pura descrição de eventos reais. Esses mesmos textos continuam sendo válidos, não para compreender o “fato”, propriamente dito, da ressurreição, mas sobretudo, aquilo que ela quer comunicar.

Somente quando entendermos isso é que seremos capazes de dar um passo adiante para assumir a ressurreição de Jesus não como um evento isolado que implica tão somente a vida do próprio Jesus e sua relação com Deus. Bem ao contrário, a ressurreição de Jesus, e o que dela se predica, diz respeito também à vida das pessoas e atinge sensivelmente a realidade de quem dela experimenta. A ressurreição é o meio pelo qual Deus continua se revelando. Uma revelação, conforme o conceito de Queiruga, de caráter maiêutico e não arbitrário e que deve jogar luz na vida de quem a ela se abre. Portanto, a ressurreição deve, para fazer transparecer seu sentido mais profundo, ser entendida na mesma coerência reveladora na qual sempre soube se adequar a história humana.

Seria incoerente imaginar que, em Jesus, na sua ressurreição, haveria uma transgressão daquela coerência que sempre orientou a própria ação de Deus que se desvela na história num processo maiêutico.¹³⁸

Fé, revelação e história. Esses três conceitos constituem o alicerce da sequência da nossa reflexão. Depois dos arrazoados desse capítulo convém ainda insistir sobre o papel da fé, clareadora da ação de Deus no ato de ressuscitar Jesus. Uma ação perpassada pelo desejo comunicativo e revelador de Deus, atuante em

¹³⁸ Maiêutica histórica é o conceito pelo qual Queiruga interpreta a dinâmica da revelação de Deus, não como um ditado pronto e acabado, mas no processo do *devir* do mundo, na história. “A significação básica da “maiêutica” está expressa no *Teetetes* com estilo inigualável do diálogo socrático. Sócrates, filho de parteira (*maia*), afirma praticar a mesma arte de sua mãe: a maiêutica (*maieutiké techne*).” A. T. QUEIRUGA, *A revelação de Deus na realização humana*, p. 113. A partir dessa noção Queiruga vai elaborar essa nova categoria hermenêutica. Esse tema é amplamente trabalhado na referida obra, mais especificamente no quarto capítulo, p. 99-138.

Jesus Cristo. E nosso trabalho será levado a termo quando verificarmos a postura de alguns autores, incluindo Queiruga, a respeito da historicidade da ressurreição.